

Eje nº 6: Sindicalismo conflito laboral, negociação coletiva y autogestión

Grupo de trabajo N° 6.17: El sentido del trabajo en las organizaciones de la economía social y solidaria

Coordinador@s: Mirta Vuotto; Ana Mercedes SarriaIcaza; Elisa Lanas; Juan Fernando Álvarez; Juan Carlos Campos; Ovidio D`Angelo; Jesús Cruz; Juan Pablo Martí.

A dinâmica familiar de catadores de materiais recicláveis de cooperativas econômico-solidárias sob a perspectiva do campo ciência, tecnologia e sociedade

Autor/es y e-mail:

SECCO-OLIVEIRA, Letícia Dal Pico Dal (le.dalpicolo@gmail.com);

MACHADO, Maria Lúcia Teixeira (mluciatmachado@gmail.com);

ZANIN, Maria (mariazanin55@gmail.com).

Pertenencia institucional: Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil.

RESUMO

O espaço de trabalho é importante para a transformação de valores e identidade dos sujeitos e conseqüente caracterização de suas relações internas e externas, incluindo as familiares. Para a economia solidaria (ES), os processos educativos contribuem para a aquisição de conhecimento e potencialização dessa transformação segundo os seus princípios, considerando-se a contribuição dos apoiadores nesse processo ao mesmo tempo em que para o campo Ciência, Tecnologia e Sociedade, a universidade possui responsabilidade na produção e intercâmbio de conhecimento com a sociedade. Assim, o objetivo desse artigo é compreender as relações estabelecidas por uma organização econômico-solidária com os apoiadores e as influências dessas relações para a sua organização e para a dinâmica familiar dos trabalhadores. Foi realizada uma pesquisa de história oral temática com entrevistas semiestruturadas, trabalho de campo com a técnica da observação participante e análise de conteúdo dos resultados. O campo de pesquisa é uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis de um município do interior do estado de São Paulo, Brasil, e os sujeitos são catadores da cooperativa e seus familiares. Chegou-se à categoria de análise “A economia solidária e o cooperativismo para o catador e para a família”, que indica a transformação na percepção sobre o

trabalho; a importância dos apoiadores para aquisição de conhecimentos e fortalecimento da cooperativa; e o reconhecimento da influência das transformações do trabalho na vida familiar. Espera-se contribuir com a reflexão sobre a importância das relações estabelecidas pelos OES e suas possíveis consequências para o trabalho e fora dele.

Palavras-chave: Economia solidária. Ciência, tecnologia e sociedade. Dinâmica Familiar.

INTRODUÇÃO

O trabalho é uma importante influência para a produção de identidade, e considerando o trabalho na economia solidária (ES), pode-se dizer que ele é potencial a produzir identidades distintas das organizações capitalista (NICOLLETTE, 2011; ONUMA, 2011; ESTEVES, 2010; VERONESE, ESTEVES, 2009; VERONESE, GUARESCHI, 2006). Esta constatação é importante por permitir a compreensão sobre o que Singer (2002) aponta como uma potencialidade da ES, a de disseminar transformações no meio social. Isso, pois sob a influência de princípios diversos aos capitalistas, observa-se o surgimento de novos atores sociais (GAIGER, 2004).

Um exemplo dessa potencial disseminação são as influências que o trabalho pode exercer na dinâmica familiar dos trabalhadores, já que a família é a primeira instituição com a qual o sujeito tem contato (FILIZOLA et al, 2011). Como fato, a dissertação de Secco (2014)¹ comprovou que a inserção de ao menos um membro familiar em uma organização econômico-solidária (OES) propiciou alterações nas dinâmicas familiares dos sujeitos, que incorporaram atitudes mais cooperativas e compreensivas, influenciadas nos princípios e organização da OES, relação esta conscientemente percebida por eles.

Para que estas influências ocorram, é necessário que os trabalhadores das OES compreendam a natureza e os princípios de seu trabalho, e Singer (2002) indica a importância dos processos educativos para que isso aconteça. A aproximação da Universidade com as OES, principalmente através das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs), contribui com esses processos, devido à assessoria

¹ Dissertação da qual este artigo é derivado enquanto um recorte, tendo sido desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos/SP, Brasil.

prestada em várias áreas de conhecimento (SINGER, 2002a) e à produção de conhecimento junto às intervenções nas OES (CRUZ-SOUZA *et al.*, 2010). Por meio dessas ações, o papel social da Universidade referente à produção e troca de saberes em conjunto com a população é destacado, contribuindo no que tange à relação com as OES, na busca por sua estabilidade (ZANIN *et al.*, 2011).

Para Schwartzman (2008), quando a Universidade se propõe ao desenvolvimento de pesquisas junto ao meio social, buscando resolver seus problemas e não somente implementando tecnologias, ela se aproxima das perspectivas do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS).

Estes estudos destacam, sobretudo, a necessidade de outros entendimentos sobre a natureza das relações entre ciência, tecnologia e sociedade, bem como, a necessidade de gestar outras formas de regular e controlar o uso e a produção da ciência e da tecnologia (LOPEZ-CEREZO, 1998, p.42).

Isso indica a necessidade de agir a partir das demandas dos sujeitos/grupos pesquisados e conjuntamente a eles, já que os saberes do senso-comum, como crenças, valores e normas próprias, são tão importantes para a produção de ciência e tecnologia (C&T) quanto o próprio conhecimento técnico (LOPES-CEREZO, 1998).

Para Dal Ri (2007), as formas de organização do trabalho e da produção, bem como as próprias OES, são tecnologias sociais (TS) que precisam ser apropriadas pelos trabalhadores. Elas são “[...] desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida” (ITS, 2009, p. 13). Ao mesmo tempo, Singer (2002) indica que as TS são um desafio e uma necessidade para a implementação da ES.

As constatações desses autores, associadas à visão de C&T do campo CTS propiciam diretrizes para análise da atuação dos apoiadores junto às OES e consequente contribuição para o desenvolvimento da ES de forma colaborativa e emancipatória. As relações estabelecidas entre OES e apoiadores indicariam se essa potencialidade é viável ou não de ser desenvolvida e a utilização de TS serve como indicativo para que a organização das OES propicie o estabelecimento de relações democráticas, inclusive pela possibilidade de sistematizar os espaços educativos no ambiente de trabalho.

Assim, tem-se como objetivo compreender as relações internas e externas estabelecidas por uma OES e as consequências dessas relações para a sua organização e para a dinâmica familiar de seus membros, a qual se caracteriza como um importante

parâmetro de observação do alcance das potenciais mudanças subjetivas que a OES pode propiciar.

O texto está organizado da seguinte forma: primeiramente, será apresentado o método de pesquisa. Depois, será disposta uma síntese do conteúdo teórico, composto pelos tópicos: “Trabalho e dinâmica familiar”; “Economia solidária e trabalho: perspectiva subjetiva”; “Os catadores de materiais recicláveis na economia solidária”; “Apoiadores, economia solidária e o campo CTS: potenciais articulações”. Após, serão apresentados os resultados, as análises e discussões, as conclusões e as referências.

Espera-se contribuir com a reflexão sobre a importância das relações estabelecidas pelos OES e suas possíveis consequências para o trabalho e fora dele, reconhecendo as potenciais alterações na dinâmica familiar dos trabalhadores dessas organizações.

MÉTODO

Primeiramente, foi realizada uma revisão bibliográfica que permitiu a elaboração de uma síntese teórica. Como método, foi utilizada a história oral temática.

A história oral, permite averiguar as relações sociais partindo da experiência de vida e da cultura do sujeito de pesquisa (RIGOTTO, 1998) e dentre as diversas modalidades existentes de história oral, a temática decorre de “[...] um assunto específico e previamente estabelecido [...] e se compromete com o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algum evento definido” (MEIHY, 2002, p. 145).

Este método foi associado à técnica da observação participante (QUEIROZ *et al*, 2007) para realização do trabalho de campo, visando conhecer o cotidiano de trabalho, as relações internas e externas estabelecidas na OES e poder questionar os conteúdos expressos nas entrevistas semiestruturadas, instrumento escolhido para conhecer mais profundamente a história dos sujeitos de pesquisa. A quantidade de entrevistas foi definida pelo critério de saturação (MINAYO, 2007).

Foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que junto com a autorização da OES e do projeto de pesquisa, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar² e sua realização foi autorizada.

² CAAE 02974512.3.0000.5504. Parecer 162.768.

No total, foram realizadas dez visitas de campo, em um período de cinco meses, entre agosto e dezembro de 2012, somando um total de aproximadamente vinte horas junto ao campo de pesquisa. As observações de campo foram registradas em um diário de campo e analisadas considerando os princípios econômico-solidários para caracterizar a OES.

Os sujeitos entrevistados foram escolhidos sob os critérios de estarem há no mínimo 1 ano na OES e pelo estabelecimento de vínculo com o pesquisador, que permitiu estabelecer uma relação de confiança. Elas foram gravadas, transcritas e analisadas pela técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1994).

Campo e sujeitos de pesquisa

O campo de pesquisa foi uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis de São Carlos de um município no interior do estado de São Paulo, Brasil.

No momento da pesquisa, ela era composta por 56 cooperados e foi o resultado da unificação, em 2010, de outras três cooperativas de catadores existentes anteriormente. Este resultado foi alcançado com a parceria de um departamento de economia solidária vinculado à Prefeitura Municipal e uma ITCP (ZANIN *et al.*, 2011).

Os sujeitos de pesquisa foram catadores cooperados e seus familiares, totalizando 4 famílias entrevistadas. A primeira entrevista, considerada piloto, não foi utilizada nas análises, pois em seu processo de realização ocorreram algumas interferências externas que inviabilizaram a compreensão das respostas dos entrevistados. Então, estabeleceu-se como grupos de pesquisa para análise o Grupo Familiar 1, o Grupo Familiar 2 e o Grupo Familiar 3.

SÍNTESE TEÓRICA

Trabalho e dinâmica familiar

O sujeito possui papéis específicos na vida familiar e na social. Sendo um ser único, inserido em um meio familiar também único, ele ainda se contextualiza socialmente (PÜSCHELL, IDE, CHAVES, 2006), o que leva a família a possuir uma característica dinâmica que vivencia essa tensão entre aspectos internos e externos e que se altera de acordo com as características em interação (SEIXAS, 1992). Assim, a

família se caracteriza como um ponto de passagem entre seus membros e a sociedade (TARAMDACH, 1978).

As instituições existentes no sistema social influenciam umas às outras, e se considerarmos a relação trabalho-família, observamos que o trabalho não está somente no âmbito objetivo, como indica a visão Taylorista, mas também está no âmbito dos afetos, assim como a família. Fato é que não se trabalha somente pelas necessidades materiais, mas também pelas subjetivas (VASQUES-MENEZES; CODÓ; MEDEIROS, 1999).

No âmbito da economia solidária, ao mesmo tempo em que Nicollette (2011) averiguou que em uma OES, os cooperados sofreram influências identitárias baseadas nos princípios econômico-solidários, ela percebeu que a cooperativa possuía uma organização interna em diversos pontos contraditória aos princípios da ES. Ela atribuiu às relações com os apoiadores uma parte potencial da influência das transformações identitárias. Secco (2014) notou contradições semelhantes em sua pesquisa, e no mesmo sentido que Nicollette, percebeu que houve transformações não só nas identidades, mas também nas dinâmicas familiares. Isso mostra que devem ser considerados diversos fatores de análise para compreender as mudanças que ocorrem tanto no ambiente de trabalho, quanto nas relações de instituições externas dos trabalhadores.

Assim, os diversos aspectos que interferem na organização cotidiana de trabalho podem impactar na subjetividade dos sujeitos e conseqüentemente nas relações sociais internas ao espaço de trabalho e ampliadas, como aqui no caso, nas relações familiares.

Economia solidária e trabalho: perspectiva subjetiva

A ES foi inventada por operários que vivenciavam situações de desemprego no contexto europeu contemporâneo à Primeira Revolução Industrial, no século XIX (SINGER, 2002b), constituindo-se uma forma alternativa de geração de renda e uma possibilidade de reflexão sobre as relações de trabalho e do sistema vigente.

No contexto brasileiro, a ES aparece em meados da década de 1980, quando por ocasião de uma grande crise econômica e inflacionária, muitas empresas acabaram falindo, aumentando os índices de desemprego e a precarização das relações de trabalho (SINGER, 2000), cenário que seguiu até a década de 1990 agravado pela reestruturação produtiva que contribuiu para dificultar a criação de novos postos de trabalho (SINGER, 2002a). Pela organização de trabalhadores e desempregados em cooperativas, a ES no

Brasil contribuiu para que as empresas falidas pudessem ser recuperadas e os postos de trabalho mantidos (SINGER, 2002a), porém esta denominação só foi evidenciada na década de 1990 (LAVILLE, GAIGER, 2009).

Pela ES possuir como princípios a defesa de propriedade coletiva ou associada, a liberdade individual, a distribuição de renda de forma equalitária e a solidariedade, ela possibilita a implicação de valor ao trabalhador, pelo fato de centrar sua preocupação no ser humano e não o capital (GAIGER, 2004). Assim, ela é definida como o “conjunto de atividades econômicas - de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária” (BRASIL, 2006, p. 11-12).

A possibilidade de novas relações de trabalho e de existência de uma atuação grupal autogestionária, leva à formação de novos atores (LAVILLE, GAIGER 2009), já que sua percepção sobre a organização produtiva e das relações de trabalho podem mudar. A autogestão é aqui considerada como:

[...] um projeto de organização democrática que privilegia a democracia direta. Esta constitui um sistema em que voluntariamente, sem perceberem remuneração e sem recorrerem a intermediários, os cidadãos debatem todas as questões importantes, em assembleias (MOTHÉ, 2009, p. 26).

Como as OES possuem origens e engajamentos diversos, os níveis de autogestão são variados e dependem de diversas características, incluindo o momento vivenciado (SINGER, 2002a). Considerando a necessidade de transformação de hábitos enraizados culturalmente, Singer (2002) indica a importância dos processos educativos junto aos trabalhadores das OES e destaca a necessidade de que esses trabalhadores conheçam os princípios da economia solidária, citando as atividades de formação como importantes nesse processo, já que a mudança do modo de organização do trabalho e do modo de produção, partindo das características capitalistas para as solidárias, exige diferentes conhecimentos. Ao mesmo tempo, a liderança a ser construída em um espaço autogestionário não deve ser imposta, mas deve manter o equilíbrio necessário para o desenvolvimento da OES, agindo em prol das decisões coletivas, evitando conflitos (CRUZ, 2006) e incentivando estes espaços educativos e o interesse dos trabalhadores pelo trabalho realizado.

Considerando as características das OES, a origem de seus sócios e o contexto da ES no Brasil, diversas instituições apoiam sua formação, estruturação e estabilidade,

dentre os quais podemos citar a igreja católica, alguns sindicatos, incubadoras universitárias, prefeituras municipais dentre outros.

Singer (2000) considera que a organização de OES promove ‘revoluções locais’, que podem resultar em diversas mudanças de relacionamento: entre os próprios cooperados no espaço de trabalho, com apoiadores, vizinhos, amigos, com a família, dentre outros. Ao mesmo tempo, estas ‘revoluções locais’ não podem ser desprendidas de mudanças sociais maiores. Por exemplo, em relação ao sistema capitalista, com o processo de globalização, os diversos sistemas sociais existentes cada vez mais perdem a autonomia (FERNANDES, 1994).

As transformações ocorridas na Sociedade, caracterizada basicamente pela transição de uma sociedade industrial para pós-industrial, têm exigido uma maior reflexão sobre a organização social do trabalho, as exigências de novas competências e seus reflexos nas relações sociais e na formação identitária do sujeito. (OLIVEIRA, 2011, p. 345).

Ou seja, a forma de estabelecimento de relacionamentos entre sujeitos e grupos sociais indica como se caracterizará a socialização, a qual depende de contexto e cultura e se remete à estruturação identitária (DUBAR, 1997).

O trabalho, enquanto propiciador de construção identitária, se caracteriza como um espaço no qual se testa a cognição e a afetividade dos sujeitos, já que as vivências que lá ocorrem intersubjetivamente refletem na identidade (VERONESE, ESTEVES, 2009). Nesse sentido, quando tratamos do trabalho econômico-solidário, não podemos abordá-lo somente por um viés econômico, mas também como algo que propicia mudanças subjetivas ao trabalhador (PEREIRA; CARVALHO; LADEIA, 2008).

Os catadores de materiais recicláveis na economia solidária

A catação de materiais recicláveis apareceu historicamente em um período de crescimento do desemprego durante o cenário de desenvolvimento do capitalismo (MNCR, 2005), que ocasionou, pelo avanço tecnológico, a diminuição de postos de trabalho humano. Grande parte dos desempregados migrou para o mercado informal de trabalho (ANTUNES, 2007; CASTEL, 2009), no qual se encontra a catação, e que se caracteriza pela exploração da força de trabalho e precarização das relações (SINGER, 1999).

Inicialmente, na informalidade, muitos catadores se sujeitavam a vínculos passivos com proprietários de carrinhos que utilizavam para trabalhar, não percebendo a situação de exploração que vivenciavam (CRAVO; KRAEMER, 1983). Fato é que somente em 2002 ‘Catador de Material Reciclável’ passou a ser considerado uma ocupação, registrado sob o código 5192-05 na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) (BRASIL).

Considerando a aproximação da ES com esta população, a possibilidade de organização em cooperativas, aparece como uma “[...] oportunidade de resgate da dignidade humana do catador e desenvolvimento da auto-ajuda e ajuda mútua, que permite constituir a comunidade dos catadores” (SINGER, 2002b, p. 89), ao mesmo tempo em que economicamente, juntos eles possuem maior poder de compra e venda pelo aumento da quantidade de material comercializado, bem como politicamente eles fortalecem sua busca por direitos.

Grimberg (2007) indica que se o catador for capacitado para compreender o trabalho coletivo e as OES, a longo prazo ele conquistará melhores resultados econômico e sociais se comparado com o exercício individual da ocupação.

No Brasil, existem 21.859 OES, sendo 506 de coleta e triagem de resíduos, dos quais 115 se concentram no estado de São Paulo, com mais de 3000 catadores inseridos (GUTIERREZ; ZANIN, 2011)³.

Apoiadores, economia solidária e o campo CTS: potenciais articulações

Pela perspectiva de que a educação é importante para o desenvolvimento das OES pela possibilidade de que seus membros se apropriem de diversos conhecimentos e novos princípios que potencializam as mudanças individuais, bem como que as ITCs aparecem no cenário da ES como um apoio importante para este processo, o papel da Universidade frente a esta possibilidade de organização de trabalho se destaca, envolvendo diversas possibilidades de ação.

Feendberg (2008) defende que os processos científicos e tecnológicos a serem desencadeados devem seguir uma lógica democrática, a partir das necessidades sociais, e não impostos à sociedade. Esta perspectiva compõe as características do campo de pesquisa CTS, que possui como desafio “[...] contribuir para a eliminação – ou pelo

³ Pesquisa realizada no Atlas de Economia Solidária (BRASIL, 2007).

menos diminuição – do crescente abismo que se consolidou entre a cultura humanista e a cultura científico–tecnológica que tanto fragmenta os diversos grupos humanos” (BAZZO, LINSINGEN, PEREIRA, 2000, p. 4).

Na década de 1980 no Brasil, quando a ES se tornou visível no Brasil, as tendências de pesquisa e investimento eram inspiradas por modelos internacionais, ignorando a realidade social nacional e conseqüentemente, para que os sujeitos se organizassem em cooperativas, o desenvolvimento de tecnologias que permitissem aos trabalhadores adquirir, arrendar e desenvolver as empresas falidas, foi essencial.

No final dos anos 1990, o desenvolvimento de tecnologias sociais (TS), importantes meios de combater desigualdades econômica e sociais, foi favorecido pela aproximação das universidades com a ES. Elas são definidas complementarmente como “[...] produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade que representem efetivas soluções de transformação social” (RTS,2005) e “[...] um conjunto de técnicas e metodologias transformadoras [...]” (ITS, 2009, p. 13).

Portanto, a TS é um importante meio de implementar a ES (SINGER, 2002a), sendo contrária à Tecnologia Convencional (TC), baseada no modelo de produção capitalista (DAGNINO, 2004) e que, objetivando o lucro e a competitividade, “[...] não permite a participação pública em sua formulação” (MEZZACAPPA, ZANIN, 2012).

Com as OES de catadores, a realidade não é diferente.

[...] a falta de entendimento por parte dos catadores da cadeia produtiva da reciclagem, principalmente no que diz respeito aos atores envolvidos e os papéis que eles desempenham na cadeia, a jusante e a montante da atividade dos catadores, o desconhecimento do ambiente dos negócios e das tecnologias existentes, entre outros (ZANIN, MÔNACO, 2008).

Considerando que as TS não se relacionam somente com tecnologias duras, o conceito de tecnologia leve, muito utilizado na área da saúde, pode auxiliar na compreensão, pela proximidade com o que é proposto, do porque as TS contribuirão para a organização das OES.

A tecnologia leve ocorre no âmbito das relações, sendo o trabalho elaborado no ato relacional (MERHY, 2002), produzindo bens intangíveis e possibilitando aos trabalhadores “[...] resgatar a sua singularidade, autonomia e cidadania” (SILVA; ALVIM; FIGUEIREDO, 2008, p. 293). Ou seja:

[...] para que os trabalhadores tenham a possibilidade da autonomia, é necessário que as relações com apoiadores e governo sejam

desenvolvidas de maneira não pré-determinada por técnicas e instrumentos, mas que seja possibilitada a adequação do momento às demandas apresentadas [...] Esta descrição cabe perfeitamente ao modo de agir esperado pelo campo CTS do seu pesquisador: que não se pautasse somente em conhecimentos pré-estabelecidos, mas sim no contato com a população pesquisada, pois aquele contato indicará o “fazer” da pesquisa, delimitará seus encaminhamentos e importância social. Agindo assim, o pesquisador (no caso da produção científica em si) e/ou os apoiadores (no caso do desenvolvimento de AST/TS) poderão contribuir para a aquisição de autonomia da população pesquisada e/ou apoiada” (SECCO, 2014, p. 72-73).

Isso, pois os apoiadores, ao participar da elaboração de TS, por meio das relações, podem contribuir com a criação de processos e métodos de organização do trabalho que viabilizem os espaços educativos no ambiente de trabalho e potencializem a possibilidade de aquisição de conhecimentos pelos trabalhadores, bem como de elaboração de outras novas formas de se relacionar. Isso, conseqüentemente irá refletir na caracterização da OES, nos princípios interiorizados e nas transformações subjetivas.

RESULTADOS

O contexto de pesquisa e a organização da OES

O período de pesquisa envolveu a mudança de governo municipal (eleições), que acarretou na dificuldade da OES em construir uma relação com o novo governo e manter os contratos com a Prefeitura, ficando política e economicamente fragilizada. Isso ocasionou o abandono da OES por diversos cooperados, em busca de outros meios de gerar renda.

Suas características internas no período eram: hierarquização implícita, falta de apropriação de conhecimentos e interesse, pouca participação, fragmentação na unidade grupal, alta rotatividade dos membros e baixo grau de autogestão. Ao mesmo tempo, observou-se o investimento de diversos cooperados, principalmente dos mais antigos, para tentar reverter esse quadro. Houve algumas indicações de que em momentos anteriores à crise vivenciada, o engajamento dos cooperados era positivamente diferente.

A cooperativa contava com o intenso apoio de diversas instituições, como ONGs e associações, mas dentre os quais podemos destacar uma ITCP que desde o surgimento

da cooperativa a acompanhou e auxiliou em suas diversas necessidades, incluindo a articulação com o governo municipal.

Durante a realização da pesquisa, esta ITCP organizou cursos de capacitação sobre economia solidária e saúde do trabalhador, a partir de demandas da cooperativa e com temas construídos conjuntamente com os cooperados. Porém, houve pouca participação, devido à necessidade de realizar o trabalho com um quadro reduzido de cooperados.

Percebeu-se que mesmo que houvessem espaços educativos, sua ocorrência não era frequente e não havia uma organização sistêmica para garantir a participação dos cooperados. Ao mesmo tempo, não havia um plano que direcionava a relação de apoio da ITCP, que normalmente atuava junto à OES quando ocorriam situações emergenciais.

Não se infere que a organização seja o único motivo para a estabilidade ou não da OES, pois como se observa, questões políticas contribuíram com a desestabilização da cooperativa. Porém, o fato de que grande parte dos cooperados que abandonaram a cooperativa não terem participado de muitos espaços educativos, eventos e reuniões com apoiadores e outros catadores, é sintomático no sentido de que não possuíam uma identificação engajada com a natureza do trabalho realizado.

Categoria de análise: A economia solidária e o cooperativismo para o catador e para a família

O Quadro 1 apresenta um exemplo de como foi realizado o processo de análise do conteúdo e construção dessa categoria, a partir das falas dos catadores e familiares nas entrevistas.

Esta categoria de análise é composta por dois núcleos de concentração dos sentidos das descrições das falas dos entrevistados, sendo que cada um dos núcleos possui duas descrições principais:

- 1- Compreensão sobre o trabalho cooperativo;
 - a) Reconhecimento da cooperativa como um espaço de trabalho que valoriza a aprendizagem;
 - b) Reconhecimento da participação de apoiadores no cotidiano na cooperativa.

Quadro 1 – Exemplificação do processo de construção da categoria de análise

Categoria de análise	Núcleo da fala	Descrição da fala	Falas ilustrativas Grupo Familiar 1	Falas ilustrativas Grupo Familiar 2	Falas ilustrativas Grupo Familiar 3
A economia solidária e o cooperativismo para o catador e para a família	Compreensão sobre o trabalho cooperativo	Reconhecimento da cooperativa como um espaço de trabalho que valoriza a aprendizagem	Maria: Agora além dessa parte de você aprender muita coisa né, principalmente a questão da conscientização [...] É um trabalho que eu gosto por causa do sentido que ele tem né porque não é em qualquer lugar que você vai conseguir trabalhar de forma conjunta, de forma igual [...]	Miriam: Antes de eu entrar lá eu não conhecia nada também sobre economia solidária [...], e ao longo do tempo que eu fui passando lá, eu aprendi muita coisa [...] não fazia nem idéia de mexer num computador [...] através da COOPERVIDA a gente teve curso, essas coisas, aí a gente foi fazendo...	Marta: Outro dia foram lá na cooperativa, o pessoal da universidade, para dar curso para nós...
		Reconhecimento da participação de apoiadores no cotidiano na cooperativa	Maria: Antes a gente pensava que tava sozinho né? Mas agora no momento de dificuldade que a COOPERVIDA tem passado nesses últimos meses, a gente viu que tem muitas pessoas que se importam tanto com a cooperativa, com o nosso trabalho [...] virou uma coisa social mesmo né?	Miriam: Lá na cooperativa a gente tem o maior apoio deles porque eles têm ajudado bastante a gente, a unir o grupo, eles vão lá prá poder conversar com a gente prá... pro pessoal todo entender o que é economia solidária, e... aí eles fala que é o empreendimento né, que é prá fortalecer o grupo [...]	Marta: O pessoal que ajuda a gente e a presidenta fizeram uma reunião lá para falar disso, e até melhorou um pouco...
	Percepções sobre a economia solidária	Definição de economia solidária	Maria: Você sabe o que é e não consegue transmitir [...] é uma outra forma de poder gerar renda prá sua família né? [...] são meios que a sociedade encontra prá se inserir no mercado de trabalho [...] a economia solidária ela tem toda essa questão também social né?	Pedro: Economia solidária é quando você tem vários empreendimentos assim que um tenta ajudar o outro, como um empreendimento não costuma passar por cima do outro, procura ajudar. Todo mundo ganha espaço no mercado...	Marta: [...] falavam de solidariedade, mas não dá tempo da gente participar... tem muito serviço para fazer [...] eu acho que ouvi falar no trabalho, mas não sei o que é...
		Reconhecimento da economia solidária no espaço de trabalho	Maria: [...] eu acho que antes a gente não pensava de forma igual né, porque você pensa em trabalhar, ganhar o seu, cada um no seu quadrado, vamos colocar assim né, cada um do seu modo. E agora não, a gente aprendeu a trabalhar junto, ver que se a gente não se, não trabalhar unido um com o outro, com todos os cooperados, o serviço não sai, a gente é... diferente do mundo capitalista [...]	Miriam: Ah... é... assim, que nem... a gente tem a economia solidária que sempre tá apoiando a gente na cooperativa.	Marta: Em São Carlos, antigamente a cooperativa era melhor [...] Mas eu continuo lá, firme e forte, não vou abandonar a cooperativa.

Fonte: Adaptado de Secco (2014, p. 134-135).

2- Percepções sobre a economia solidária;

- a) Definição de economia solidária; e
- b) Reconhecimento da economia solidária no espaço de trabalho.

No primeiro núcleo, a primeira descrição, indicou a possibilidade de aprendizagem no espaço de trabalho cooperativo, mencionando a capacitação profissional como possibilidade de valorizar o trabalhador e contribuir para o desenvolvimento da cooperativa, bem como que o aspecto de igualdade que internamente possibilita a todos as mesmas oportunidades.

A segunda descrição indica que os apoiadores auxiliam o desenvolvimento da cooperativa pela melhoria das condições de trabalho que propiciam. Os catadores acreditam que o trabalho exercido é intrínseco ao campo social e a participação dos apoiadores contribui para o sentimento de valorização dos cooperados e conseqüente fortalecimento da cooperativa.

Esse núcleo mostrou que na perspectiva dos catadores cooperados e de seus familiares, eles compreendem a forma de organização cooperativa e reconhecem que ele ocorre com o apoio de diversas parcerias.

Em relação ao segundo núcleo, sua primeira descrição indicou a dificuldade dos entrevistados em definir o que é economia solidária para eles. Ao mesmo tempo, conseguem apontar elementos que contribuem com o seu sentido, tais como a promoção de união e de solidariedade, contrastando com a competição e o individualismo capitalista. Somente o Grupo Familiar 3 não soube mencionar elementos de sentido, mesmo que no cotidiano a catadora incentive a união grupal. A falta de conhecimento foi atribuída ao fato dela ter participado de poucos espaços educativos, capacitações ou reuniões com apoiadores

Já a segunda descrição mostrou que mesmo não sabendo associar os comportamentos com o sentido de economia solidária, os entrevistados descreveram ações que acontecem no cotidiano, que observamos condizerem com os seus princípios. No Grupo Familiar 3 foram mencionados inclusive comportamentos que não estavam de acordo com a proposta de uma OES. Assim, percebe-se que mesmo indiretamente, os princípios econômico-solidários permeiam as relações internas da cooperativa.

Então, este núcleo indica a dificuldade de conceituação e associação de princípios às práticas, ao mesmo tempo em que estas possuem elementos que coincidem com os princípios econômico-solidários.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

A possibilidade de aquisição de conhecimentos foi identificada como sendo importante para o desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional dos catadores. A necessidade e a possibilidade de aprender foram destacadas pelos cooperados como necessárias para o desenvolvimento da OES. Na fala abaixo da catadora Maria, ela indica que pôde aprender diversas coisas no trabalho e ficou claro também que ela possuía conhecimentos sobre sua natureza, o que contribuiu para a identificação com o trabalho.

Agora além dessa parte de você aprender muita coisa né, principalmente a questão da conscientização [...] é um trabalho que eu gosto por causa do sentido que ele tem né porque não é em qualquer lugar que você vai conseguir trabalhar de forma conjunta, de forma igual [...]

Porém, pelo momento vivenciado, observou-se a dificuldade de inclusão de cooperados em espaços de trocas de conhecimento, bem como que a ausência de uma continuidade sistematizada de processos de capacitação e participação dos cooperados em eventos e reuniões com outros catadores, cooperativas e apoiadores, contribuiu para que em um momento de crise, a cooperativa passasse ainda pela fragilidade de perder cooperados pela impossibilidade de geração de renda adequada. A prioridade dos catadores no período da pesquisa era a triagem e a venda de material para a geração de renda, já que a cooperativa apresentava dificuldades econômicas.

Os conhecimentos adquiridos pelas cooperadas entrevistadas advinham de outros momentos e épocas e se apresentaram como importantes para o enfrentamento dos problemas vivenciados.

Ainda que a relação com o governo municipal estivesse fragilizada, principalmente por ser época de eleição, o que ocasionou a troca de governo e a desestabilização da cooperativa pela descontinuidade das ações previstas na parceria com o poder público municipal, a conscientização de parte dos cooperados mostrou que a aquisição de conhecimentos é eficaz para auxiliar a combater esses momentos de crise. Outro indicativo dessa importância sobre a aquisição de conhecimento e identificação do trabalhador com a OES foi o fato de que dentre os cooperados que abandonaram a cooperativa nesse momento de problemas econômicos, grande parte era

nova no trabalho e não havia passado ainda por capacitações, desconhecendo as naturezas e princípios da ES.

A parceria entre OES e ITCPs, além de ser destacada na literatura como importante instrumento para promover o desenvolvimento das organizações, também foi enfatizada pelos catadores entrevistados, quando apareceram falas que apontavam a contribuição dos apoiadores para a organização da cooperativa, como ilustra a fala da catadora Miriam:

É, a gente vê assim lá na cooperativa a gente tem o maior apoio deles [apoiadores] porque eles têm ajudado bastante a gente, a unir o grupo, eles vão lá prá poder conversar com a gente prá... pro pessoal todo entender o que é economia solidária, e... aí eles fala que é o empreendimento né, que é prá fortalecer o grupo... é... prá gente se fortalecer... e ajudar assim a expandir né, os empreendimentos [...]

Além de possibilitar a união dos catadores pela identificação como seu trabalho, adquirir conhecimentos também possibilita maior autonomia aos sujeitos e às cooperativas. Porém, em relação aos catadores entrevistados, mesmo quando eles não conseguiam definir objetivamente o que era economia solidária, o reconhecimento de seus princípios através da citação de situações cotidianas ficou claro nas entrevistas e mesmo assim gerou resultados positivos.

A catadora Maria indicou a necessidade de aprender mais ainda sobre economia solidária para aprimorar seus conhecimentos e poder passar mais informações para outras pessoas. Reflete-se então que ampliar a possibilidade de outros cooperados terem acesso a diversos conhecimentos, incluindo sobre a natureza de sua organização de trabalho, contribui para a identificação do trabalhador, a organização da cooperativa e o fortalecimento das relações internas.

Apenas o Grupo Familiar 3 afirmou não saber o que é economia solidária, porém seu discurso, bem com o da catadora Marta, remeteu-se indiretamente aos seus princípios. Esta família é a mais conflituosa em relação às considerações sobre o trabalho na cooperativa, pois a catadora caracteriza o trabalho lá como inseguro economicamente, citando como exemplo a crise que a cooperativa estava passando. Porém, a catadora Marta, no trabalho de campo, foi uma das que mais defendeu a necessidade dos catadores se unirem para enfrentar a crise, afirmando que nunca abandonaria a cooperativa por acreditar nela. Ela também apontou que a falta de solidariedade e tolerância de alguns catadores para com os outros, bem como a entrada e saída constante de trabalhadores do empreendimento prejudicavam o funcionamento da

cooperativa, outro indício que reforça a necessidade de organização sistemática de um espaço de educação contínuo.

Os outros grupos familiares, mesmo com dificuldade de explicar o que é economia solidária, a conheciam e a defendiam, citando exemplos de como seus princípios influenciam no dia-a-dia do trabalho e da família. Isso indica como a apropriação dos catadores de conhecimentos relativos à cooperativa potencializa sua capacidade de promover mudanças. Considerando a dinâmica familiar como uma troca de influências entre os membros e que ela só é compreensível se forem consideradas as alterações sociais, infere-se que estas mudanças se estendem ao campo familiar. Mesmo que os princípios econômico-solidários não estejam explícitos no cotidiano e que o grau de autogestão seja variável, apresentando-se como baixo no momento de pesquisa, subjetivamente eles interferem nas relações com os familiares.

Além do reconhecimento dos catadores e familiares de que a aproximação dos apoiadores, citando mais especificamente a ITCP, é importante para a aprendizagem e fortalecimento da cooperativa, percebeu-se no trabalho de campo a presença constante desses apoiadores, bem como seu esforço para que seu trabalho fosse desenvolvido respeitando as demandas da cooperativa. Percebe-se também uma diferença no discurso dos cooperados que possuem maior tempo de contato ou relação mais contínua com os apoiadores, destacando a importância dessa relação para o desenvolvimento dos sujeitos e da OES.

Pelas observações realizadas e fragilidades destacadas, bem como dos resultados positivos percebidos, pode-se inferir que falta, na relação entre os cooperados e os apoiadores, a produção de TS que se caracterizassem enquanto método de organização do cotidiano, viabilizando um sistema contínuo de capacitação de cooperados inerente ao cotidiano de trabalho.

CONCLUSÕES

Constatou-se a existência de uma relação entre a aquisição de conhecimento, o engajamento dos trabalhadores à OES e as alterações na dinâmica familiar dos catadores cooperados. Considerando aspectos internos da OES contraditórios aos princípios da ES, e as falas dos catadores, infere-se que a relação com os apoiadores possui relevância para este resultado. Ao mesmo tempo, a atuação deles junto à cooperativa, mesmo sendo constante, não é sistemática.

Tendo em conta que o contexto indicava uma crise econômica na cooperativa pela desestabilização da relação com o governo municipal, e que isto contribuiu para uma incoerência de organização em relação aos princípios da ES, e havendo evidências que em outros momentos as relações internas eram estabelecidas mais proximamente a esses princípios, indica-se que se houvesse um plano organizado visando a continuidade de ações educativas, o quesito de união grupal para enfrentamento das dificuldades estaria mais fortalecido. Fato é que entre os cooperados que continuaram na cooperativa, a postura de lutar por ela era enfática.

Desse modo, reforça-se que a atuação da universidade, neste estudo representada pela ITCP, em relação à sua responsabilidade social de produção científica e tecnológica, possui potencial de contribuir para a criação de TS que vise organizar o cotidiano de trabalho para que as relações que venham a se estabelecer sejam mais adequadas à proposta de manter a estabilidade da OES. Então, indica-se a necessidade de criar TS adequadas às necessidades da OES, para fortalecer os aspectos positivos relativos aos potenciais da ES destacados neste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo fomento que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa (processo nº 2012/24388-5. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade das autoras e não necessariamente refletem a visão da FAPESP).

Agradecemos também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** - Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. Campinas: Cortez, 2007.

BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1994.

BAZZO, W. A; LINSINGENN, I. von; PEREIRA, L. T. do V. O que são e para que servem os estudos CTS. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia, 2000, Ouro Preto. **Anais eletrônicos...** Ouro Preto: UFOP, 2000. Disponível em:

<<http://www.nepet.ufsc.br/Artigos/Art-Cbg2000/Cbg2000-OQueSaoEParaQueServemOsEstudosCts.pdf>> . Acesso em: 08 jul. 2016.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego, Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Atlas de Economia Solidária no Brasil**. Brasília, DF, Brasil, 2006.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**. Disponível em <www.mteco.gov.br>. Acesso em: 28 ago. 2012.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CRAVO, V. L. Z.; KRAEMER, M. C. Catar Papel: trabalho necessário? Curitiba: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**, vol. XL, 1983.

CRUZ, A. **A diferença da igualdade: a dinâmica da economia solidária em quatro cidades do Mercosul**. Tese de doutorado em Economia, Unicamp, Campinas, SP, 2006.

CRUZ-SOUZA, F. *et al.* Las incubadoras universitarias de economia solidaria em Brasil: um estudio de casos. In: Congresso da Rede Universitária Eurolatina Americana em Estudos Cooperativos e de Economia Solidária, 2012, Granada, Espanha. **Anais...** Granada, Espanha, 2012. p. 196-220.

DAGNINO, R. A tecnologia social e seus desafios. In: **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

DAL RI, N. M. Organizações de trabalho associado e gestão democrática: uma nova tecnologia social? In: VILARTA, R. *et al* (Orgs.). **Qualidade de vida e novas tecnologias**. Campinas: IPES Editorial, v. 1, 2007. Disponível em: <http://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/tecnologia_cap7.pdf>. Acesso em 08 jul. 2016.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução. Anette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto R. Lamas. Portugal: Porto editora, 1997.

ESTEVES, E. G. **Autogestão e identidade: a experiência dos trabalhadores da metalcoop**, 2010. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Paulo, SP, 2010.

FEENBERG, A. O que é a filosofia da tecnologia? In: NEDER, R. T. (Org.) Racionalização subversiva: tecnologia, poder e democracia. **Coletânea de Filosofia da Tecnologia**, 2008.

FERNANDES, A. T. Dinâmicas familiares no mundo actual: harmonias e conflitos, **Anânse sodal**, vol. 29, 1994. p. 1149-1191.

FILIZOLA, C. L. A. *et al.* Saúde mental e economia solidária: a família na inclusão pelo trabalho. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 2, abr., 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n2/v45n2a16.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

GAIGER, L. I. As emancipações no presente e no futuro. In: GAIGER, L. I. (Org.), **Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 371-402.

GRIMBERG, E. (Org.). **Coleta Seletiva com inclusão social**: Fórum Lixo e Cidadania de São Paulo. Experiências e desafios. São Paulo: Instituto Polis, 2007.

GUTIERREZ, R. F. e ZANIN, M. Um panorama sobre os Empreendimentos Econômicos Solidários de Catadores no Brasil In: Cooperativas de Catadores: reflexões sobre práticas. 1 ed. São Carlos : Claraluz, 2011, v.1, p. 37-51.

ITS. Instituto de Tecnologia Social. **Caderno de debate**: Tecnologia Social no Brasil. Direito à Cidadania e Ciência para a Cidadania. São Paulo, SP: ITS, 2004. Disponível em: <<http://itsbrasil.org.br/publicacoes/caderno/caderno-de-debate-tecnologia-social-no-brasil>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

LAVILLE, J.-L.; GAIGER, L. I. Economia Solidária. In: CATTANI, A. D.; LAVILLE, J.-L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (Orgs.). **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Edições Almedina; São Paulo: Almedina Brasil, 2009.

LOPEZ-CEREZO, J. Ciencia, tecnología y sociedad: el estado de la cuestión en Europa y Estados Unidos. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 18, 1998.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MERHY, E. E. **Saúde**: A Cartografia do Trabalho Vivo. São Paulo: Hucitec, 2002

MEZZACAPPA, G. G.; ZANIN, M. Uma revisão histórico-conceitual sobre a tecnologia social. In: HOFFMANN, W. A. M.; MIOTELO, V.; PEDRO, W. J. A. (Orgs.) **Tecendo a interdisciplinaridade no campo CTS**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007. 406p.

MNCR. Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. **Cartilha de formação**, 2005. Disponível em: <http://www.mnrc.org.br/box_4/formacao-e-conjuntura/catadores%20cartilha%20web.pdf/view>. Acesso em: 02 out. 2011.

MOTHÉ, D. Autogestão. In: CATTANI, A. D.; LAVILLE, J.-L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (Orgs.). **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Edições Almedina; São Paulo: Almedina Brasil, 2009.

NICOLLETTI, M. X. **Economia solidária e identidade**: a autogestão no trabalho como experiência emancipatória, 2011. 523 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-20072011-123353/pt-br.php>.

Acesso em: 08 jul. 2016.

OLIVEIRA, P. W. S. Construção de identidades profissionais: da formação profissional à vivência da inserção no mercado de trabalho, **Revista LABOR**, v.1, n. 6. 2011.

ONUMA, F. M. S. **Sentidos subjetivos do trabalho em uma organização autogestionária de base falimentar**, 2011. 155 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2011. Disponível em: http://repositorio.ufla.br/jspui/bitstream/1/2313/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Sentidos%20subjetivos%20do%20trabalho%20em%20uma%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20autogestion%C3%A1ria%20de%20base%20falimentar.pdf. Acesso em: 08 jul. 2016.

PEREIRA, A. C. L; CARVALHO, A. M. R; LADEIA, C. R. Círculo de Cultura: um Espaço de Educação na Cooperativa. In: CORTEGOSO, A.L; LUCAS, M. G. (Org.). **Psicologia e Economia Solidária: Interfaces e Perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

PÜSCHELL, V. A. R; IDE, C. A. C.; CHAVES, E. C. Modelos clínicos e psicossocial de atenção ao indivíduo e à família na assistência domiciliar - bases conceituais, **Rev Esc Enferm USP**, vol. 1, n. 40, 2006.

QUEIROZ, D. T. *et al.* Observação participante na Pesquisa qualitativa: conceitos e Aplicações na área da saúde. **R. Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 15, 2007.

RIGOTTO, R. M. As técnicas de relatos orais e o estudo das representações sociais em saúde. **Ciênc. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, 1998.

RTS. Rede de Tecnologia Social. **Descrição da tecnologia social: incubação e apoio a empreendimentos solidários**, 2005. Disponível em: http://rts.ibict.br/bibliotecarts/relatorios-1/ts_descricao_incubacao_apoio_empreendimentos_solidarios.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2016.

SCHWARTZMAN, S. **Ciência, universidade e ideologia**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/polcon.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

SECCO, L. D. P. D. **Economia solidária e dinâmica familiar de catadores de materiais recicláveis: um estudo no campo ciência, tecnologia e sociedade**, 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. Disponível em: http://www.bdtf.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/22/TDE-2014-08-12T174544Z-6223/Publico/6054.pdf. Acesso em: 28 mai. 2015.

SEIXAS, M. R. D'A. **Sociodrama familiar sistêmico**. São Paulo: Aleph, 1992.

SILVA, D. C.; ALVIM, N. A. T.; FIGUEIREDO, P. A. Tecnologias leves e cuidado em enfermagem, **Escola Anna Nery Rev. Enferm**, vol. 12, n. 2, 2008

SINGER, P. **Globalização e desemprego**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, B. S. (Org.) **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.

_____. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002b.

TARANDACH, E.R. **Diagnóstico psicossocial da família**. Petrópolis: Vozes; 1978.

VASQUES-MENEZES, I.; CODO, W.; MEDEIROS, L.. O conflito entre o trabalho e a família e o sofrimento psíquico. In: CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes; Brasília: Ed. da UnB, 1999.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho: campo fértil para a prática da Psicologia Social Crítica, **Psicologia & Sociedade**; vol. 17, n. 2, p. 58-69, mai/ago, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n2/27045.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2016.

VERONESE, M. V.; ESTEVES, E. G. Identidade. In: CATTANI, A. D.; LAVILLE, J.-L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (Orgs.). **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Edições Almedina; São Paulo: Almedina Brasil, 2009.

ZANIN, M. *et al.* Parceria entre Universidade e Gestor Público Municipal para fomentar a Economia Solidária e ampliar as atividades da Cooperativa de Catadores de São Carlos/SP. In: ZANIN, M.; GUTIERREZ, R. F. (Org.). **Cooperativas de catadores: reflexões sobre práticas**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. Disponível em: <http://base.socioeco.org/docs/5c7a073d32f7f3533a0d886b374b3873.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2012.

ZANIN, M.; MÔNACO, G. del. Cooperativas de catadores e o acesso ao conhecimento e inovações tecnológicas. In: HOFFMANN, W.A.M.; FURNIVAL, A.C. (Org.). **Olhar: Ciência, Tecnologia e Sociedade**. São Paulo: Pedro e João Editores, 2008. p.101-110.